

BEM-ESTAR PARA FRANGOS DE CORTE

**ENG° AGRÍCOLA JOSÉ ANTONIO DELFINO BARBOSA FILHO – NUPEA/ESALQ/USP.
PROF. DR. IRAN JOSÉ OLIVEIRA DA SILVA - NUPEA/ESALQ/USP.**

Nosso país vem atravessando nos últimos anos uma ótima fase com relação às exportações de carne, e entre os principais tipos de carne, a de frango merece um destaque especial, pois apesar de algumas barreiras colocadas recentemente ao setor de exportação, o Brasil se mostra na vanguarda e ocupa hoje o importante posto de segundo lugar no ranking de países exportadores de carne de frango com mais de 30% do mercado, atrás apenas dos Estados Unidos.

Em 2002 a produção brasileira de carne de frango atingiu o montante de 7.449 mil toneladas, 13,4 % acima do volume obtido em 2001 (6.567,2 mil toneladas). Acompanhando o crescimento da produção, as exportações foram de 1.599,9 mil toneladas, ou seja, 28,1 % acima do volume vendido para o exterior em 2001 (1.249,3 mil toneladas). (Fonte: SECEX).

As exportações brasileiras de frango em 2003 somam até agora (Janeiro/Setembro), US\$ 431,2 milhões, 33% a mais do que o mesmo período do ano passado. De acordo com a Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frangos (ABEF), foram embarcadas mais de 577 mil toneladas, resultando em um incremento de 21% em relação ao volume registrado no mesmo período de 2002, resultando no segundo maior desempenho da história das exportações de carne de frango. (Fonte: ABEF).

COMPARATIVO DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE DE FRANGOS								
JAN/AGO - 2003 x JAN/AGO - 2002 (UNIDADE: US\$ MIL)								
	INTEIRO			CORTES			TOTAL	
	2003	2002	%	2003	2002	%	2003	2002
JANEIRO	43.877	33.830	29,70	67.764	63.831	6,16	111.641	97.661
FEVEREIRO	55.809	38.509	44,92	77.750	62.240	24,92	133.559	100.749
MARÇO	50.658	34.005	48,97	76.276	79.294	(3,81)	126.934	113.299
ABRIL	39.331	30.725	28,01	81.932	62.142	31,85	121.263	92.867
MAIO	33.182	29.421	12,78	81.312	50.696	60,39	114.494	80.117
JUNHO	41.228	22.822	80,65	93.095	58.952	57,92	134.323	81.774
JULHO	33.741	35.632	(5,31)	93.718	78.498	19,39	127.459	114.130
AGOSTO	68.107	31.973	113,01	115.104	82.086	40,22	183.211	114.059
SUBTOTAL	365.933	256.917	42,43	686.951	537.739	27,75	1.052.884	794.656
INDUSTRIALIZADOS							56.768	29.119
TOTAL	365.933	256.917	32,40	686.951	537.739	25,50	1.109.652	823.775

FONTE: ABEF

Não se pode negar o grande efeito que este crescimento nas exportações trás para o nosso país e para setor avícola em geral, mais o fato é que devemos estar sempre atentos a um assunto que vem surgindo com grande rapidez e que é de extrema importância para países que como o Brasil, passam por uma boa fase relacionada ao mercado exterior de carnes.

Este importante assunto que traz consigo um pacote de mudanças para todo o mundo que de alguma forma mantém animais confinados é a legislação do bem-estar animal, que terá um grande impacto sobre as exportações de frango de corte, uma vez que os países importadores, e entre eles podemos citar os da União Européia, estão cada vez mais preocupados com o fato de que se a carne que consomem é proveniente de um animal que foi bem tratado ou de um animal que sofreu maus tratos durante a maior parte de sua vida.

Na opinião de Peter Hunton, presidente da World's Poultry Science Association (WPSA), as discussões sobre o bem-estar de frangos de corte apenas acabaram de começar e devemos estar atentos ao que esta por vir nos próximos anos, referente às mudanças nos

métodos de criação. Diz também que é importante seguir as exigências propostas, as recomendações e os prazos de mudança, mesmo que estes façam sentido ou não, pois só assim o país continuará a exportar carne de frango. Comenta também que o Brasil ainda não tem uma pressão interna considerável a favor do bem-estar dos animais, mais é importante que se crie rapidamente uma legislação, para se evitar problemas futuros.

Para se ter idéia de como o assunto está sendo considerado como uma prioridade para muitos países, na União Européia, por exemplo, o apoio financeiro atribuído atualmente pela comissão para projetos diretamente ligados ao bem-estar animal atingiu cerca de 7,5 milhões de Euros. Além disso, os projetos também envolvem verbas para visitas de caráter investigativo aos estados membros para inspeções de como andam a aplicação das diretivas propostas.

Entre os projetos estão estudos relativos ao transporte, captura, abate, densidade de criação, liberdade de movimentos e abate humanitário dos animais.

Outra forma de se ressaltar a repercussão do bem-estar dos animais pelo mundo, é no modo com que pessoas ligadas a grupos de proteção aos animais estão boicotando algumas cadeias de alimentação de peso nos Estados Unidos, exemplo disso, foi o ocorrido recentemente com a rede KFC na Califórnia, onde a organização de pessoas a favor do tratamento ético dos animais (PETA), fez um pedido a corte superior do estado para que emitisse um mandato judicial contra o grupo, que segundo o PETA estaria maltratando os animais, “amontoando-os e causando grande dor e sofrimento durante sua morte”.



FONTE: <http://www.kfccruelty.com/>

Tão logo se espalhou a notícia e grandes cadeias como McDonald's e Burger King começaram a financiar pesquisas e a contratar pessoas especializadas em bem-estar animal para ajudá-los a desenvolver novos padrões de criação e manejo, com o objetivo de assegurar tratamento mais humano aos animais destinados aos seus consumidores.

Especialistas em alimentos dizem que a indústria alimentícia está passando por uma transformação, devido as crescentes preocupações com os alimentos por parte dos consumidores. É a tão falada segurança dos alimentos, que a União Européia coloca como “Da exploração à mesa”, que seria o acompanhamento dos animais desde o nascimento na fazenda até o abate e repasse ao consumidor. Sendo o abate um ponto muito discutido haja vista que se recomenda que os animais não sofram durante sua morte (abate humanitário). Isso faz com que o consumidor antes de comer um alimento que contenha carne, pense em como foi a vida e a morte daquele animal que estará consumindo.

Mas as mudanças na indústria alimentícia não param por aí, depois do selo verde implantado para alimentos vegetais que não possuem aplicação de defensivos químicos em nenhuma de suas fases de produção (alimentos orgânicos), agora é a vez dos alimentos de origem animal, com o mais recém lançado selo de “criação humanitária dos animais” que garante ao consumidor que o alimento (carne, ovos, leite, etc..) provém de animais criados em instalações que respondem a “padrões humanitários de criação e manejo”.

Este selo foi recentemente lançado nos Estados Unidos pela HFAC, entidade dita “protetora dos animais de fazenda”, que alega que alguns dos alimentos consumidos no país provém de animais criados de forma irracional e prega que escolhendo alimentos que tenham a certificação de criação e manejo humanitários, os consumidores estarão não só demonstrando sua conscientização em torno do assunto, mas também mandando um claro recado para a agroindústria em geral e dizendo que o tratamento humanitário dos animais deve ser considerado uma prioridade.



FONTE: <http://www.certifiedhumane.com/>

Depois de muitos anos amontoando animais a altas densidades de criação, e da constante busca por rapidez nos processos de crescimento, graças a inovações genéticas, esta se pedindo agora para que os criadores aumentem os espaços para seus animais, reduzam a utilização de drogas promotoras de crescimento e para que transportem e abatem os animais de uma forma mais humanitária.

Segundo Lester Brown, diretor da Worldwatch Institute, uma explicação para a preocupação atual com o bem-estar dos animais, é um reflexo da falta de espaço físico dos países desenvolvidos, principalmente na Europa onde o pouco espaço fez com que os produtores “inventassem” jeitos de elevar sua produção animal, e “eles conseguiram, mais hoje pagam um alto preço por isso”, diz Brown.

Isso explica a liderança da União Européia e a rapidez em criar leis para proteger os animais confinados em fazendas, isso porque eles já passaram por uma experiência

desastrosa e que quase levou ao fim o seu rebanho bovino e que teve grande impacto na economia de todo o continente, estamos falando do mal da vaca louca que provavelmente surgiu de uma “invenção” para diminuir o tempo de engorda do gado, fornecendo a eles rações produzidas com restos de outros animais doentes.

Quanto ao problema com espaço, o Brasil certamente não se enquadra neste caso, mas por outro lado a exigência por acompanhar o ritmo dos atuais índices de produção em cada vez menores espaços e tempo já chegou por aqui, e talvez a ânsia por alcançar estes índices ou por adotar técnicas e modelos de criação que estão com os dias contados em países como os da Europa e Estados Unidos possa acabar incluindo o Brasil na lista de países que deverão mudar a forma de criar os animais.

Para que isso possa ser evitado e para que continuemos como um dos maiores exportadores de carne de frango do mundo é necessário que desde já os produtores comecem a se conscientizar dos problemas relacionados ao bem-estar dos animais confinados e a seguir os códigos e normas de bem-estar lançados pelos países importadores de nossa carne, isso será muito importante e deverá ser feito rapidamente se o país quiser continuar a exportar.

Além destes aspectos, é importante que nós possamos também criar nossas próprias normas e legislação de bem-estar animal, e não apenas ficar sempre na expectativa de esperar o que vai acontecer lá fora, para que tomemos nossas decisões.

Precisamos mobilizar um grupo de pesquisadores, que aliados ao setor produtivo e ao governo possa vir a propor a “legislação brasileira de bem-estar animal”.

Pois o que tem acontecido nos últimos anos é que ficamos aguardando as exigências externas (que na maioria das vezes não passam de barreiras comerciais), para que possamos adequar nosso sistema produtivo, isso muitas das vezes acaba gerando medidas e projetos feitos de “última hora”, o que por sua vez pode causar problemas aos processos de elaboração de uma legislação séria e com embasamento científico.

Porque então não saímos na frente e damos o primeiro passo? É importantes refletir, e considerar que hoje somos um dos maiores produtores mundiais de carne, temos capacidade e competência, então o que mais devemos esperar?

→ Artigo originalmente publicado na revista: Avicultura Industrial. São Paulo, v. 01, p.45 - 47, 2004. Todos os direitos reservados